

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Quadrinhos e ensino: o conhecimento histórico e suas representações na arte seqüencial

Selma de Fátima Bonifácio

Resumo: O artigo propõe a análise de construções teóricas que discutam a consciência histórica e a presença do conhecimento histórico em produções quadrinhísticas. Compreende-se que o conhecimento histórico é multifacetado em termos de fontes, mensagens e linguagens, não se limitando ao ambiente acadêmico. Para a elaboração dessa análise, utilizamo-nos, sobretudo das concepções de consciência histórica, de RÜSEN (2001) e GARCÍA (1998). A partir dessa identificação, analisamos as alterações ocorridas com o conhecimento histórico, ao passar da narrativa textual/acadêmica à linguagem dos quadrinhos. Utilizamo-nos de um levantamento de obras quadrinizadas, buscando compreender como o conhecimento histórico se apresenta em tais produções, e suas potencialidades no ensino de História.

Palavras-chave: Conhecimento histórico – quadrinhos – ensino de História.

Abstract: The article considers the analysis of theoretical constructions that argue the historical conscience and the presence of the historical knowledge in comic strips productions. It is understood that the historical knowledge is multifaceted in terms of sources, messages and languages, not limited to the academic environment. For the elaboration of this analysis, we use, first hand, the conceptions of historical conscience, of RÜSEN (2001) and GARCÍA (1998). Starting from this identification, we analyze the occurred alterations with the historical knowledge, when passing from the textual/academic narrative to the language of the comics. We use the survey of the comics work, in order to understand how the historical knowledge is presented in such productions, and their potentialities in the History teaching.

Word-key: Historical knowledge – comics – History teaching.

As histórias em quadrinhos representam um gênero discursivo dos mais apreciados, sobretudo por crianças e jovens em idade escolar, que historicamente, têm encontrado em suas páginas o suspense, a diversão e a informação desejada. É o caso, por exemplo, dos romances e clássicos da literatura quadrinizados. Tal prática, no entanto, nem sempre foi bem recebida pelos estudiosos, que viam nos quadrinhos, apenas uma fonte de lazer com pouco ou nenhum mérito.

Há algum tempo, este panorama tem se modificado, mas registram-se ainda poucos trabalhos ou pesquisas que estabeleçam relações entre o universo dos quadrinhos – a chamada Nona Arte – e o ensino de História.

A linguagem dos quadrinhos

Mas quais seriam as características das histórias em quadrinhos? Para muitos, os quadrinhos costumam estar associados a charges, cartuns e caricaturas. Embora todas estas formas de representação gráfica apresentem semelhanças, acredita-se que os quadrinhos possuam uma linguagem repleta de especificidades estruturais que acabam por aproximá-los muito mais da linguagem cinematográfica, do que do desenho estático.

Para EISNER (1995: 38) o principal elemento que caracteriza a linguagem dos quadrinhos é a arte seqüencial, ou seja, o fato de que os quadrinhos devam ser compreendidos na continuidade das imagens:

A função fundamental da arte dos quadrinhos (tira ou revista), que é comunicar idéias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (tais como pessoas e coisas) no espaço. Para lidar com a captura ou encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmentos seqüenciados. Esses segmentos são chamados quadrinhos.

As histórias em quadrinhos – ou HQs – caracterizam-se pela utilização de dois elementos comunicacionais, a imagem e a palavra escrita nascendo, portanto, a partir de duas artes distintas, que são a literatura e o desenho, utilizadas com recursos característicos, como a simetria, a perspectiva, o uso de balões e onomatopéias. Esses elementos, utilizados de forma integrada, caracterizam um produto próprio da cultura de massa, e que por participar dessa cultura também se torna portador de um conhecimento por ela gerado, neste caso, um conhecimento histórico.

Os quadrinhos e a consciência histórica

Os quadrinhos podem portar certo conhecimento histórico, pois foram criados a partir de um pensar, de uma (ou mais) forma(s) de atribuir sentido ao tempo, ou seja, uma dada consciência histórica. E o que seria essa consciência, em particular? Para Jörn Rüsen, a consciência histórica é um atributo de todo ser humano, em sua vida prática, cotidiana. Tal consciência extrapola o âmbito acadêmico, especializado. Nesse sentido, a consciência

histórica não é um estado da consciência ou atributo mental de especialistas, ou dos indivíduos formados nas academias e cursos de história. Caracteriza-se, assim, como algo inerente ao ser humano, em sua própria condição existencial de estar no mundo. Desse modo, acabamos todos por desenvolver consciência histórica, a partir de nossa inserção social. Para Rüsen (2001: 54): “São as situações genéricas e elementares da vida prática dos homens (experiências e interpretações do tempo) que constituem o que conhecemos como consciência histórica”.

Assim, de forma natural ou sistematizada e intencional, em casa, na escola, e nas universidades, todo e qualquer ser humano, em sua vida prática e ao interagir com o mundo que o envolve, passa a elaborar pensamentos históricos, sinalizando articulações da consciência histórica, que acabam por gerar resultados cognitivos. (RÜSEN, 2001: 56)

A condição existencial do homem está relacionada a um exercício de interpretação e atribuição de sentido aos acontecimentos passados. Essas memórias são constantes, pois toda e qualquer interpretação ocorre a partir de seus referenciais, suas vivências e perspectivas. Esse dado configura-se como um elemento fundamental para o ensino de História, ao analisar como pessoas “comuns”, não especialistas, contam e pensam os conteúdos e conhecimentos que fazem parte da história humana.

Compreende-se, então, que a consciência histórica se efetiva sob a forma de uma “cultura histórica” (GARCÍA, 1998: 289) que circula socialmente, nas escolas e no meio acadêmico, e também em narrativas ficcionais, nos romances, no cinema, e nos quadrinhos. Para GARCÍA (1998: 280): “Las consecuencias prácticas son importantes, ya que se reconoce que los estudiantes no llegan con la mente vacía al aula y que la escuela no es la única instancia (y quizá ni siquiera la más importante) del aprendizaje histórico”. Salienta-se, todavia, que as concepções de uma História rememorada e representada sob tantos focos circulantes, indicam um convívio nada harmônico, mas um enfrentamento constante, uma batalha pela legitimação e supremacia da narrativa. É o que nos apresenta Marc Ferro, nas obras “*A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*” e “*A história vigiada*”. Para ele, a história se constitui em um campo de poder, sempre disputado por muitos e colocado sob vigilância pelas muitas instituições que objetivam o controle social. O resultado desses enfrentamentos ideológicos, dessas batalhas de interesses, acaba se apresentando no currículo escolar, no discurso religioso, e na mídia, como nas narrativas das histórias em quadrinhos. Para FERRO (1989):

Controlar o passado ajuda a dominar o presente, a legitimar tanto as dominações como as rebeldias. Ora, são os poderosos dominantes – Estados, Igrejas, partidos

políticos ou interesses privados – que possuem e financiam veículos de comunicação e aparelhos de reprodução, livros escolares e histórias em quadrinhos, filmes e programas televisivos. Cada vez mais entregam a cada um e a todos um passado uniforme.

Ferro analisa a importância dos quadrinhos como recurso político-ideológico utilizado no estabelecimento e na manutenção de uma versão oficial de determinado fato histórico. Algumas publicações com cunho histórico evidente não participam de forma efetiva dos confrontos pela supremacia narrativa. Este é o caso de “*Asterix*”, de Uderzo e Goscinny, uma das revistas de maior tiragem da França e que permanece como o herói de um passado remoto e, portanto, de uma “época pouco disputada” (FERRO, 1983: 132). Para Ferro, esse fato ilustra o medo francês da História.

Outro pesquisador a analisar a influência dos quadrinhos é Umberto Eco. Na obra “*I fumetti di Mao*”, publicada inicialmente em 1971, revela ao Ocidente, os quadrinhos chineses usados como instrumento político de divulgação dos ideais de Mao Tsé-Tung, durante a década de 1960. Também VOVELLE (1997) procura analisar os quadrinhos e suas representações históricas, particularmente nas sociedades européia e norte-americana, por meio de personagens como Drácula, Motoqueiro fantasma e Mulher-Maravilha, analisando elementos como a democracia, o heroísmo e a relação histórica com a morte.

Considera-se, desse modo, o fato de que os quadrinhos são importantes fontes emissoras de mensagens pelas quais perpassam diferentes versões e representações históricas, fato nem sempre levado em consideração por professores e pesquisadores. São as histórias contando a História, por meio de personagens e situações envolventes e atos de bravura.

Sendo também uma narrativa, ainda que quadrinizada, os quadrinhos produzidos participam do processo de produção e circulação social das representações do passado, pois refletem um momento histórico e interferem na mundivisão de quem lê e na própria reelaboração do acontecimento histórico, a partir da recepção e (re) significação das mensagens e narrativas.

Os quadrinhos e as representações do conhecimento histórico

Um elemento central a ser considerado na análise dos quadrinhos enquanto elementos portadores de conhecimento histórico é a integração do texto com a imagem. Ao passar da linguagem textual para a linguagem quadrinhística, modifica-se a forma de tratamento da narrativa, pois se o texto escrito (narrativa historiográfica) ainda é a principal referência utilizada pelo quadrinho de cunho histórico, é o desenho que vem conferir maior

força e sedução à própria narrativa. O que se observa, nessa lógica, é uma transposição ou mediação do conhecimento histórico acadêmico e que, pela própria estrutura do quadrinho, separa-se do texto original, dando origem a uma outra linguagem, com ritmo e cadência próprios.

Mas quais seriam os limites que se apresentam a partir dessas alterações na narrativa, que deixa de ser uma linguagem textual/acadêmica, mas se origina a partir dela? BIBE-LUYTEN (1984:88) destaca algumas considerações, sobretudo referindo-se à necessária fidelidade às características estruturais dos quadrinhos, na proporcionalidade texto/imagem e na utilização adequada de recursos como perspectiva, onomatopéias, balões, entre outros. Para a autora, alguns equívocos estão muito presentes nas produções quadrinhísticas didatizadas, como o excesso de textos, ou de imagens. No primeiro caso, em que ocorre um uso excessivo de textos, o autor dos quadrinhos busca, com frequência, é contar “toda a história”, contemplar a quantidade máxima de informações históricas, que seja possível. Em consequência, gera-se uma obra cansativa, rígida e imobilizada dentro dos quadros, em que se perde a leveza e a dinâmica da trama. Já o excesso de imagens, ou a utilização de imagens muito chamativas, acaba por deslocar a atenção do leitor do conteúdo abordado. Em ambos os casos, os resultados são frustrantes, pois o que compõe e caracteriza a linguagem seqüencial dos quadrinhos seria exatamente a proporcionalidade direta entre texto e imagem.

Além desses, também há outros elementos a serem levados em consideração na transposição textual para os quadrinhos, como o manejar seqüencial dos acontecimentos, a coerência e a concepção de temporalidade e o cuidado com estereótipos e deturpações históricas.

Quadrinhos: Ditadura e Democracia no Brasil

Num primeiro momento, analisou-se quadrinhos produzidos durante as décadas de 1960 e 1970, período em que houve uma significativa produção de HQs voltadas à didatização de conteúdos históricos, o que era considerado como adequado à formação moral e intelectual da juventude. Para DUTRA (2003:12):

Os quadrinhos com temas históricos freqüentemente se tornam ufanistas nas mãos de movimentos nacionalistas (...) No Brasil, o nacionalismo oficial pós-golpe de 64 também usou os quadrinhos como meio de cativar as crianças num esforço de fabricação de um sentimento patriótico. Ainda são bastante conhecidas entre nós as séries de biografias de grandes vultos históricos.

Nesse período, foram várias as produções, intituladas “*Grandes Figuras em quadrinhos*”, da Editora Brasil América Limitada, a EBAL, editora fundada em 1945 por Adolfo Aizen. A temática dessas publicações era a biografia romanceada de personagens ilustres da história nacional, como Duque de Caxias, Getúlio Vargas e Oswaldo Cruz. Destacava-se, em tais obras, uma preocupação em “contar a história” dos heróis nacionais, rememorar-la em sua totalidade, sendo a imagem um elemento apenas a complementar a informação textual. A ausência de movimento na relação imagem-textual, aliada à pouca sedução no desenrolar da narrativa apresentava-se como um elemento que dificultava a ligação entre o conhecimento histórico e a linguagem dos quadrinhos.

A busca pela “seriedade” do fato é uma constante nos quadrinhos históricos que constituem a obra que, passando de um texto narrativo para a quadrinização, pouco se altera, diante da rigidez na passagem de uma linguagem para outra. Tais publicações buscavam, sobretudo, uma referência pautada na transmissão de uma verdade histórica pretendida por aquele contexto social.

Como essa informação histórica encontrava-se carregada de um sentido ufanista, nacionalista e heróico, os desenhos deviam estar rigorosamente integrados a tais significados. Por esse motivo, explica-se a inexistência de onomatopéias, os traços adultos e sérios das personagens, com expressões severas e aparecendo, com frequência, de forma sombreada e pouco expressiva. Essas condições, de certa forma, garantiam à obra uma possível seriedade, sem a interferência do humor, da crítica ou da ficção, elementos que poderiam “comprometer” e relativizar a fidelidade histórica para com um passado heróico, cujos protagonistas eram portadores de ações acima da população “comum”. É o caso, por exemplo, da biografia romanceada de “*Caxias, o Pacificador*”, representada como uma figura ilustre sempre pronta a combater o mal manifestado em lutas e rebeliões populares como a Balaiada e a Revolução Farroupilha.



Ilustração 1 - Caxias: o pacificador. p.15.

Em contraposição ao universo conceitual das “*Grandes Figuras em Quadrinhos*”, mas representando um grande foco do conhecimento histórico, justificado em razão dos novos ventos democráticos que sopravam na direção do Brasil, foi produzido “*Cai o Império: República Vou Ver!*”, uma obra paradigmática realizada pela historiadora Lilia Moritz Schwarcz, em parceria com o cartunista Angeli, com referenciais historiográficos, políticos e artísticos absolutamente diversos das produções destacadas anteriormente. Por ser construída em pleno processo de redemocratização Nacional, em 1983, a obra se utiliza abundantemente de elementos como o humor, a crítica social, e a identificação com os aspectos da cultura brasileira, como a música, movimentos sociais e a mídia através de referenciais a programas televisivos, de forma a integrar-se com o momento vivido da história nacional. A construção conceitual da historiadora Lilia Schwarcz garante a fundamentação do conhecimento histórico, conferindo à obra a validação acadêmica necessária mesclada, entretanto, a uma história apresentada de modo leve e divertido.



Ilustração 2 - Cai o Império: República vou ver. p. 37.

Ao retomarmos a construção elaborada por Ferro, ao analisar o personagem Asterix, para ele um “... herói de uma época pouco disputada”, podemos identificar que o mesmo ocorre com “*Cai o Império: República Vou Ver!*”, ao abordar momentos históricos como o golpe da Maioridade de D. Pedro II, a chegada dos imigrantes e a Guerra do Paraguai. Ainda que a preocupação com a defesa da história imperial estivesse presente, já possuía em seu interior brechas para críticas e reflexões, o mesmo não se evidenciando com a contemporaneidade. E nesse aspecto, a história imperial servia como pano de fundo ou pretexto para a reflexão de elementos pertinentes àquele momento vivido, em pleno processo de abertura política.

Ao analisarmos tais produções, representativas de diferentes focos do conhecimento histórico, podemos discutir sobre sua inserção nas aulas de História. Salientamos que os quadrinhos podem ser importantes recursos e fontes a serem utilizados no espaço escolar sendo capazes de despertar o interesse dos educandos para a História. Buscando desfazer qualquer mal-entendido, compreendemos que os quadrinhos não se caracterizam como um pretexto para o ensino da disciplina, mas como objetos de estudo, elementos centrais portadores de uma narrativa, capazes de articular aspectos fundamentais da História, como a questão do tempo, da memória e do fato. Cabe dizer que o quadrinho não substitui ou é substituído pelos textos historiográficos convencionais. Sua percepção, em sala de aula é o de mais uma linguagem a ser inserida, de forma consciente e reflexiva no cotidiano da escola, assim como o cinema e a mídia televisiva.

Longe de estarmos fornecendo receitas do “uso pedagógico dos quadrinhos”, expressão em si já bastante polêmica, buscamos trazer possibilidades de reflexão para o centro dos debates relativos ao ensino da História, propondo novos olhares capazes de compreender e analisar a cultura histórica circulante no universo quadrinhístico, mergulhado em percepções e subjetividades que podem, e muito, enriquecer o saber histórico.

Referências bibliográficas

- ANGELI; SCHWARCZ Lilia Moritz. **Cai o Império: República vou ver**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BIBE-LUYTEN, Sonia. (Org.) **Histórias em quadrinhos: leitura crítica**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- CIRNE, Moacy. **Bum: a explosão criativa dos quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 5.ed., 1977.

- DUTRA, Antonio Aristides Correa. Quadrinhos de não-ficção. In: INTERCOM – CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003, Belo Horizonte. **Relação de Trabalhos**. Belo Horizonte, 2003. p.1-17. 1 CD-ROM.
- ECO, Umberto. **Los comics de Mao**. Barcelona: Gili, 1976.
- MIRANDA, Nair da Rocha. **Caxias: o pacificador**. 8.ed. Rio de Janeiro: Brasil-América, 1974.(Grandes figuras em quadrinhos).
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FERRO, Marc. **A história vigiada**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (O Homem e a História).
- _____. **A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação**. São Paulo: IBRASA, 1983.
- GARCÍA, Verena R. Aprendizaje histórico: algunas consideraciones y propuestas didácticas desde una óptica alemana. In: SILLER, J. P. & GARCÍA, V. R. (Coord.) **Identidad en el imaginario nacional: reescritura y enseñanza de la historia**. Puebla: BUAP, 1998.
- RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- VOVELLE, Michell. **Imagens e imaginário na história: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX**. São Paulo: Ática, 1997. (Série Temas)